

## O NOSSO CATECISMO CATÓLICO: II PARTE

# Doutrina apostólica autêntica sobre a Fé e a Verdade

**Segue-se a II parte de um discurso feito pelo Padre Phillipson na conferência do Exército de Advogados de Nossa Senhora em Boston, Massachusetts. Ele dá-nos uma explicação em profundidade da importância de um Catecismo Católico seguro, que seja consistente e verdadeiro em relação à doutrina apostólica imutável da Igreja. O discurso, na totalidade, está disponível em CD e DVD no *The Fatima Center*. Ver a página 63 para encomendar.**

*pelo Padre David Phillipson*

---

Muita gente está a tentar formar a sua vida moral Católica sem estar enraizada na verdade. Isto é um erro por si próprio! Em primeiro lugar, a verdade é necessária. Para começar, a mente deve ser convertida à verdade e em seguida poder-se-á agir na verdade. Muitas pessoas tentam agir mais ou menos de maneira católica sem primeiro mudarem as mentalidades. E esse é o primeiro lugar em que é preciso que haja mudança.

O Catecismo é o primeiro recurso para a conversão e para se agir devidamente de uma maneira moral e católica. O demónio está a fazer tudo o que pode para separar os Fiéis do Pastor, o Pastor da Verdade. Porém, o Credo, como Símbolo, é a solução para o que o demónio está a tentar fazer. O Credo não nos separa de Cristo, junta os Fiéis e Cristo, porque cada uma das partes tem a metade da moeda que encaixa uma na outra, no sentido original do que um símbolo é.

Não só o Símbolo do Credo nos une a Deus, também nos coloca em comunhão uns com os outros. Todos nós temos a mesma meia moeda porque todos temos a mesma Fé. A nossa Fé deve ser una, Católica, Apostólica e Santa. Isso, a propósito, é uma pergunta do Catecismo – “Quais são as quatro marcas da Igreja?”

As quatro marcas da Igreja são: “Una, Santa, Católica e Apostólica.” Estas marcas deviam caracterizar também a nossa Fé. Precisa de ser apostólica; precisa de vir dos Apóstolos. Assim sendo, quando lemos o Catecismo e meditamos e reflectimos num bom Catecismo, estamos a reflectir sobre o ensino apostólico. Este ensino apostólico é um e sempre o mesmo. Quer tenha sido ensinado há dois mil anos, quer seja hoje ensinado de forma autêntica, *é o mesmo*.

Assim, como Católicos, estamos todos a segurar a mesma moeda. Porque a nossa Fé é Católica, é universal – nós todos acreditamos na mesma coisa por toda a parte e em todos os tempos. Reconhecemo-nos uns aos outros, como Católicos, porque estamos todos a segurar o mesmo símbolo. Isto é importante: devemos estar unidos na Fé.

## A diversidade na Fé não é católica.

A ideia de que os Católicos podem acreditar em coisas diferentes é uma novidade! A diversidade na Fé não é católica. Não é apostólica. Há uma insistência no Credo em que todos acreditamos na mesma coisa; que todos possuimos a mesma moeda, aderindo ao Credo e compreendendo-o da maneira que a Igreja ensina – não da maneira que *nós* “*pensamos*” que deve ser compreendido, não da maneira que “sentimos” que deve ser compreendido: “Bem, sinto-me desta maneira a respeito daquele Artigo da Fé.” Sabem, isto não convence.

É como a Igreja ensina; como a Igreja compreende este Artigo da Fé, que devemos recebe-lo como vindo de Deus – como a Igreja ensina.

Portanto, a nossa Fé deve ser uma – deve ser a mesma. Isto é principalmente o que nos une uns aos outros, e a Deus. E porque nos une verdadeiramente a Deus, a Fé é santa.

Antes de começar a falar no Credo, gostaria de me desviar um pouco por causa de algo que John Vennari disse esta manhã, sobre uma definição de Fé. Esta é uma definição muito semelhante, que é da *Summa Theologiae* de S. Tomás de Aquino.

Quero só ler isto para apresentar um ou dois pontos em especial sobre o que é vinculado na Fé. Isto vem da *Catholic Encyclopedia* de 1913; a velha Enciclopédia Católica. É uma definição citada da *Summa Theologiae* de S. Tomás de Aquino. Uma definição de Fé: “O acto do intelecto assentando numa Verdade Divina pelo movimento da vontade, que por sua vez é movida pela graça de Deus.”

Isto é profundo, e só vou mencionar uma ou outra coisa aqui. Em primeiro lugar, é um acto do intelecto – assentar na Verdade Divina – devido ao movimento da vontade – que é por si própria movida pela graça de Deus. É evidente que, quando estamos a fazer um acto de Fé, um acto *sobrenatural* de Fé, é preciso ter a graça.

Podíamos argumentar – imagino que a maioria dos adultos poderia chegar lá – que há um só Deus. As provas de S. Tomás de Aquino apoiam-no. A razão pode, só por si, atingir um *facto*: só há um Deus. Isto não é um acto de Fé: crer numa base racional não é um acto de Fé.

Quando eu creio que há um só Deus, porque Deus revelou que há um só Deus, como a Igreja ensina, estou a fazer um acto de Fé no Deus que o revelou. Isto requer graça para elevar o meu intelecto e a minha vontade para assentar ou consentir nessa Verdade, pela razão que Deus a revelou: não porque posso deduzi-la.

Por exemplo, se eu penso que faz sentido que Cristo tenha fundado uma Igreja e que devíamos todos juntar-nos ocasionalmente para fins sociais e para nos divertirmos, aos Domingos e assim por diante, isto é uma abordagem racional da compreensão da Igreja. Mas compreender a Igreja Católica como uma *instituição divina* – porque Deus a revelou

*como tal – requer a assistência da graça. Um acto sobrenatural requer sempre a graça.* Não é um acto baseado apenas na razão.

A *Catholic Encyclopedia* também menciona, ao discutir o que é um acto de Fé, que tem um modo objetivo assim como subjetivo. Tenho estado a falar na Fé sobretudo num modo objetivo – que é um corpo de Verdades que qualquer pessoa pode encontrar num livro e ler. Estas são o corpo objetivo de Verdades, um depósito da Fé. É esse o objeto.

Há também uma dimensão subjetiva da Fé. Era o lado subjetivo da Fé que costumava geralmente ser o único problema antes do Concílio – porque o que costumava acontecer era que quase todos os padres, Bispos e Papas já estavam na mesma página com o depósito da Fé.

O único problema que poderiam ter tido era com que clareza explicavam este ou aquele ponto da Fé. Geralmente, o único problema naquela altura era o facto de que algumas pessoas poderiam ter dificuldade em assentar: porque não podiam compreender a Fé, ou tinham tido dificuldade em se motivarem para fazer um acto de Fé.

A dificuldade, então, seria do lado subjetivo: do nosso lado. Ter um problema no lado subjetivo seria mais ou menos assim: “Tenho tido problemas em acreditar nisso; preciso de ajuda. Preciso de assistência. Preciso de graça.” Será preciso rezar para se chegar a um acto de Fé nas verdades que a Igreja ensina.

Infelizmente, o que hoje tem acontecido é que tem havido tanta ênfase na dimensão subjetiva – ou nas dificuldades de se chegar a um acto de Fé – que os corpos objetivos da Verdade foram completamente obliterados.

Hoje podemos encontrar pessoas na hierarquia a dizer: “Bem, sabem, não interessa mesmo *aquilo* em que acreditem, desde que acreditem sinceramente. Desde que acreditem com todo o vosso coração, isso é que é realmente importante. Não interessa realmente aquilo em que acreditem; é antes se aquilo em que acreditam é acreditado do coração, se realmente o sentem.”

Há legitimamente dois polos, e ambos têm de se juntar. Queremos ter a certeza de que, quando lemos o Catecismo e aceitamos a Fé, não se trata apenas de um jogo de cabeça. Não é só assim: “Sim, claro, Deus existe algures por aí. Sim, posso raciocinar que há um Deus.” Não, isso não é um acto de Fé. Isso não é a vontade *assentando* na Verdade porque Deus a revelou.

É antes, quando creio em Deus – e isto leva-nos de volta ao primeiro Artigo do Credo – não acredito apenas que Deus *existe*, creio por Ele e com Ele porque estou a ser assistido pela graça. E para ser assistido pela graça, preciso de estar n’Ele.

Recorde-se que S. Paulo disse que não podemos dizer que Jesus é o Senhor excepto *no* Espírito Santo. Não podemos realmente dizer, “Jesus é o Senhor” e afirmá-lo com a

mente e com o coração – claro que podemos dizê-lo verbalmente sem pensar – mas não podemos dizê-lo e afirmá-lo sem a assistência da graça do Espírito Santo.

## Há dois lados: subjetivo e objetivo

Assim, há dois lados; o lado subjetivo e o objetivo. Precisamos de ambos.

Em primeiro lugar, quando estamos a falar da Fé, precisamos de ter a certeza de que estamos a falar de um corpo de verdades que a Igreja ensinou sempre e em toda a parte.

Em segundo lugar, a Fé requer que façamos o nosso acto pessoal de assentar nas verdades que a Igreja ensina. Isto é parte do que é um acto de Fé, não é assim? Uma pergunta do Catecismo: “O que é um acto de Fé?” “**Creio** nestas e em todas as verdades que a Igreja Católica ensina porque Vós as haveis ensinado: Vós que não podeis enganar nem enganar-Vos.” Estas verdades são as verdades que se encontram no Catecismo. Foi Deus quem revelou estas verdades. Devemos crer nestas verdades porque o Deus Que as revelou não pode mentir nem pode ser enganado.

Agora vou dar uma olhadela ao Credo dos Apóstolos. Notem mais uma vez que há doze Artigos, e vamos talvez concluir o primeiro Artigo.

Só para fazer uma espécie de introdução, vou ler os doze Artigos, para os poderem ouvir, Artigo por Artigo, para verem que há doze, e o que são estes doze. Além disso, para saberem que cada um destes Artigos precisa de ser aceite com um acto divino de Fé.

O primeiro Artigo é o único sobre Deus Pai. Os doze Artigos dividem-se em três grupos: Pai, Filho e Espírito Santo. Deus Pai só entra num Artigo. A maior parte dos Artigos são sobre o Filho e o Espírito Santo.

**Artigo 1:** Creio em Deus Pai, Todo Poderoso, Criador do Céu e da terra.

**Artigo 2:** sobre o Filho – e [creio] em Jesus Cristo, Seu único Filho, Nosso Senhor.

**Artigo 3:** Que foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria.

**Artigo 4:** padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu aos infernos.

**Artigo 5:** Ressuscitou ao terceiro dia.

**Artigo 6:** Subiu aos Céus e está sentado à direita de Deus Pai Todo Poderoso.

**Artigo 7:** De onde virá julgar os vivos e os mortos.

E assim acabámos de ouvir os Artigos 2 a 7 – todos sobre o Filho. Os 5 Artigos que faltam são sobre o Espírito Santo.

**Artigo 8:** Creio no Espírito Santo.

**Artigo 9:** [Creio na] Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos – porque o Espírito Santo é a alma da Igreja Católica. A Igreja Católica é uma instituição divina, independentemente da maneira como os seus Ministros executam os seus deveres: no que dizem e como actuam. Mas é apesar disso uma instituição divina. O Espírito Santo é a força vital da Igreja Católica.

**Artigo 10:** Na remissão dos pecados.

**Artigo 11:** Na ressurreição da carne.

**Artigo 12:** e na vida eterna, Amém.

Estes são os Doze Artigos do Credo dos Apóstolos. Agora vamos debruçar-nos sobre o Primeiro Artigo do Credo dos Apóstolos. Esta é a doutrina da Igreja Católica. Em primeiro lugar, é *Eu creio*. Vou passar algum tempo só nesta primeira palavra, “Eu”.

No princípio, quando a Igreja estava a compilar os seus Credos, muitas vezes o Credo começava da maneira com que muitos de vós provavelmente se familiarizaram – o Credo a começar por “Nós”. “Nós cremos.” São ambos verdadeiros.

É um acto pessoal – Eu creio – e é assim que deve ser para ser salvífico. Não posso ser apenas uma partícula amorfa numa massa de gente que vão andando só por irem andando. Não, tenho de fazer um acto pessoal na minha mente, no meu coração e na minha vontade. Deve assentar nestas verdades por mim próprio.

Mas – gosto desta citação, embora saiba que tem más conotações – “é preciso uma aldeia para criar uma criança”, e é preciso uma Igreja para formar a Fé de um indivíduo. É preciso *um corpo de pessoas*. Portanto, o meu acto pessoal de crença, ao dizer ‘eu creio’ – não somos Protestantes, não somos aqui unidades independentes de Fé. Nós somos um ‘corpo’. Esse ‘*corpo*’ é o Corpo Místico de Jesus Cristo: pertencemos-lhe como membros com uma cabeça.

Portanto, quando digo “eu creio”, este “eu” está junto a outros “eus”, e assim é muito correto dizer “nós cremos”. Porque ‘eu’ não construí esta Fé. Não apareci com estas verdades por minha conta; foram-me dadas. Eu recebi-as. Fiz delas minha posse, mas não as obtive por mim próprio. Não as obtive brotando das profundezas do meu ser – como um modernista o diria – mas antes obtive-as da revelação pública divina da Igreja Católica.

Assim, é tanto verdade dizer “nós cremos” como dizer “eu creio”; porque cremos na mesma coisa como Católicos. Na forma atual do Credo dos Apóstolos dizemos “eu” creio, mas no princípio das formulações do Credo na Igreja, muitas vezes elas começavam com “Nós” cremos: ambas as formas são verdadeiras.

E assim acabámos de tratar da palavra “Eu”. A palavra “creio” será tratada na III Parte, no próximo número.